AULAS ONLINE NA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Moniky Liberto Calheiros (SEDUC/MT) – moniky-98@hotmail.com
Élidi P. Pavanelli Zubler (SEDUC/MT) – elidipavanelli@gmail.com
Neide Lopes da Silva Filipus (SEDUC/MT) – email-neideww@gmail.com

GT 2 – EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Resumo:
Com a instauração da pandemia da Covid-19 no Brasil, as aulas presenciais das instituições de ensino foram suspensas e só retornaram com a utilização de tecnologias digitais. Um recurso bastante utilizado foram os ambientes virtuais de aprendizagem como o Moodle, Google Classroom e Microsoft Teams. Diante deste cenário, esta comunicação oral tem por objetivo socializar como foi a experiência de uma escola estadual de Mato Grosso na utilização do ambiente virtual de aprendizagem para retomada das aulas de maneira remota. Partimos de uma perspectiva metodológica da pesquisa qualitativa com abordagem interpretativista em que realizamos um relato de nossas experiências vivenciadas na escola. Tais experiências foram registradas e coletadas de nossos cadernos de planejamentos, registros reflexivos, reuniões pedagógicas, formulário online e no próprio ambiente virtual de aprendizagem. Como resultados percebemos algumas mudanças nas práticas pedagógicas, dentre elas a ampliação do uso de tecnologias digitais e o uso de estratégias metodológicas diferenciadas daquelas utilizadas no ensino presencial. Esperamos que o relato de experiência aqui compartilhado sirva de registro para esse momento ímpar na educação brasileira em que as tecnologias digitais muito contribuíram para a continuidade das atividades escolares e que propicie reflexões aos envolvidos e aos leitores.

Palavras-chave: Aulas online. Tecnologias digitais. Ambiente virtual de aprendizagem.

1 Introdução

A partir do anúncio da pandemia da Covid-19 no Brasil, as aulas das instituições de ensino foram suspensas para evitar aglomeração e disseminação do vírus. Durante alguns meses as atividades ficaram paradas, mas aos poucos precisaram retornar. Esse retorno se deu de maneira diferenciada com adaptações e transposição de espaços (físicos para o virtual). Foi isso que ocorreu na rede estadual de educação de Mato Grosso, que em julho de 2020 anunciou o retorno das aulas de maneira online.

Neste texto apresentamos um breve relato de parte da experiência vivenciada na Escola Estadual Ênio Pipino, região norte de Mato Grosso, 500 quilômetros de Cuiabá, quando da instauração do ensino remoto emergencial pela Secretaria de Estado de Educação (Seduc/MT) em julho de 2020 que previa a utilização da plataforma digital como ambiente virtual de aprendizagem e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) para continuidade das ações pedagógicas.

2 Contexto da Escola e Ensino Remoto Emergencial

A Escola Estadual Ênio Pipino atende ensino fundamental final e ensino médio, com 40 turmas divididas em 3 turnos, totalizando 1370 alunos. Possui 16 salas, sala dos professores, sala de estudos, refeitório e quadra coberta. É um prédio bastante antigo, umas das primeiras escolas construídas na cidade e, no momento, necessita de muitas reformas. Está localizada no Setor Residencial Norte na cidade de Sinop, a 500 km da capital, Cuiabá. É uma escola centralizada, mas atende alunos da periferia e zona rural que utilizam o transporte escolar.

No momento em que as aulas foram suspensas os alunos passaram a receber os recados e orientações via grupos no aplicativo WhatsApp e em agosto puderam acessar a plataforma Microsoft Teams.

3 Ambiente Virtual de Aprendizagem

O ambiente utilizado foi a plataforma Microsoft Teams, devido a uma parceria já existente entre a Seduc e a Microsoft que fornecia e-mails institucionais.

Segundo a Wikipedia a Microsoft Teams é uma plataforma unificada de comunicação e colaboração que combina bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos e integração de aplicativos no local de trabalho. Ela apresenta a possibilidade de criação de equipes onde é possível postar atividades, fazer devolutivas e reunir virtualmente os membros da equipe.

Assim, ainda em julho de 2020, os formadores dos Centro de Formação e Atualização Profissional (Cefapros) receberam formação diretamente da Microsoft e multiplicaram aos professores das escolas. Os professores participaram da formação sobre a plataforma que ocorreu nas 2 semanas que antecederam as aulas online. Depois, participaram de outras etapas da formação que visava o planejamento a partir das habilidades da BNCC e contemplando os recursos digitais.

Para iniciar as aulas online a Microsoft preparou o ambiente, puxou o banco de dados das secretarias das escolas e criou as equipes por disciplina. Ou seja, um aluno do ensino médio ao entrar na plataforma teria acesso a 13 equipes, correspondente a cada disciplina que tem no currículo. Essa organização dificultou um pouco a compreensão dos alunos inicialmente, mas por outro lado, dava um pouco de privacidade a cada professor que organizaria sozinho sua disciplina e não teria suas postagens visualizadas por todos da escola.

4 Acesso dos alunos e ambientação

Os alunos foram comunicados no grupo do WhatsApp ou por ligação telefônica sobre como liberar seu e-mail institucional e começar a utilizar o ambiente virtual. Nesse momento, os professores precisaram fazer um assessoramento, com sua turma de regência, de como liberar o e-mail e como fazer os primeiros acessos. Algumas vezes, os professores precisavam liberar o e-mail e acessar a plataforma com o usuário de aluno e depois enviar ao aluno seu usuário, senha e um vídeo explicativo.

Alguns alunos se adaptaram bem a plataforma e logo conseguiram acessar facilmente os recursos disponíveis. Outros apresentaram dificuldades em localizar as atividades e se atrapalhando durante as reuniões ao esquecer áudio ligado, sair da reunião sem querer, etc. Os professores também tiveram dificuldades em gerenciar as reuniões, sem saber como remover alunos, como passar vídeos com o som, etc.

5 Possibilidades de práticas e desafios

Para o retorno das aulas, foram realizados alguns combinados: os professores deveriam ter a apostila em PDF e posta-la na plataforma; também deveria postar algumas atividades obrigatórias; para a aula ao vivo preparava-se slides para apresentar; depois pegava os mesmos slides e gravava-se uma aula e disponibilizava no *Youtube* para os alunos que não haviam participado da aula ao vivo.

Durante as aulas ao vivo, os alunos pouco utilizavam o chat. Só falavam em áudio, pois tinham sido informados que tudo ficaria gravado no sistema e que a Seduc poderia ler o que estavam conversando.

Um dos maiores desafios era a falta de conhecimento sobre AVA e o trabalho com a educação online. Poucos professores sabiam quais recursos estavam disponíveis nestes ambientes e quais as possibilidades de práticas. Mesmo após a formação que ocorreu em duas semanas, muitos colegas não se sentiam seguros ao utilizar a plataforma e nem sabiam por onde começar necessitando, assim, auxílio de algum colega da escola.

Quanto à participação dos alunos, vamos utilizar como exemplos as turmas do 2º e 3º ano do Ensino Médio matutino, que tinham em média 37 alunos matriculados. A participação ao vivo era em média de 12 alunos, outros 10 não acessam ao vivo, mas faziam atividades posteriormente na plataforma ou encaminhava por WhatsApp para os professores. Outros 10 declararam não ter acesso contínuo à internet e utilizavam material

impresso. Além disso, restaram, em média, uns 5 alunos que não deram satisfação e não foram localizados, possivelmente desistentes.

De modo geral, um dos grandes desafios foi a transposição dos espaços (físico para virtual), não estávamos preparados e há algum tempo não estudávamos sobre o uso de tecnologias na educação. Coadunamos com Maia, Silva e Casagrande (2020, p. 219) quando apontam que é inegável o distanciamento que as instituições escolares têm das questões que envolvem as tecnologias, "uma vez que elas estão mitigadas, omissas ou dissociadas do currículo de grande parte das escolas". Com nossa escola não foi diferente, a pandemia nos obrigou incluir essas TDICs em nossas práticas de forma abrupta e forçosa. E concordamos com os autores quando apontam que o ideal seria as escolas já estarem, "desde muito antes, em tentativa de ajustamento às práticas da *cultura digital*, naquilo que seriam as modificações fundamentais dos currículos, privilegiando aqueles que contemplassem a integração das TIC" (MAIA, SILVA e CASAGRANDE, 2020, P. 230).

6 Considerações finais

Tentamos neste relato apresentar parte do que vivenciamos na escola com o retorno das aulas durante a pandemia, em que foi utilizada um AVA para propiciar os recursos para continuidade dos estudos de nossos alunos. Coadunamos com Santos et al (2021, p. 27) ao afirmar que o contexto de pandemia favoreceu as práticas curriculares emergentes na cibercultura. Em nossa escola, muitas foram as práticas modificadas, alteradas ou incluídas que antes não eram vivenciadas pelos professores. Entretanto, muitos foram também os percalços evidenciados pela falta de planejamento prévio e alinhamento com as culturas digitais.

Os grandes desafios consistiram na inclusão digital, pois alguns professores e alunos tiveram muita dificuldade quanto ao uso das tecnologias digitais, alguns desistiram pelo caminho. Outros não tinham condições financeiras para ter celular e internet de qualidade, o que mostra um problema muito latente que é exclusão tecnológica.

Um dos avanços que tivemos foi em relação às aprendizagens de professores e alunos quanto a utilização do AVA, realização de interações à distância, colaboração e cooperação tanto nas atividades propostas quanto no manuseio da plataforma.

Por fim, evidenciamos o que Sibilia (2012) já nos apontava há algum tempo, um grande descompasso entre a cultura digital vivenciada pela sociedade e as práticas

realizadas na escola, mas compreendemos que o contexto nos propiciou algumas reflexões e exigiu muita dedicação dos educadores para tentar resgatar um pouco do que se estava deixando de avançar com a pandemia. A formação continuada, mesmo ocorrendo, algumas vezes, de forma aligeirada, se fez essencial neste momento e evidenciou o que De Paula et al (2021. p.50) também constataram em seus estudos: "a necessidade de formação e reflexão sobre a utilização de artefatos tecnológicos, culturais e curriculares para apoiar as práticas educativas em uma realidade contextual da qual a escola não teve como se furtar".

Referências

DE PAULA, Marta Conceição; HAYASHI. Mariana Hannae; CORONEL, Renata Martins; FERNANDES. Terezinha. A emergência da educação on-line no contexto pandêmico: potencialidades para o desenvolvimento de letramentos digitais. In: SOUZA, Bartolomeu José Ribeiro. **Um tsunami na educação? Múltiplos olhares sobre a educação básica na pandemia.** Londrina, Editora Científica, 2021. p. 49-71.

SANTOS, Edmea; RIBEIRO, Mayra; FERNANDES, Terezinha. Ciberformação docente em contexto de pandemia: multiletramentos críticos em potência. In: FRANK KERSCH, Dorotea. **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. p. 23 - 36.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempo de dispersão.** TraduçãoVera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

MAIA, Mirtes Damares Santos de Almeida; SILVA, Danilo Garcia da. CASAGRANDE, Ana Lara. **A Educação entre o Caos Pandêmico, Tecnologia e Política.** Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, v. 15, n. 41, p.217-234 set./dez. 2020. Disponível em: https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/2483 Acesso em 10/10/21